



EDITORIAL

As ideias apresentadas e discutidas nos 14 artigos reunidos neste número temático, cujo foco são as *Erlebnisse*, conforme compreendidas na obra de Edmund Husserl, convergem em três eixos que foram por nós entendidos e interpretados como: **teórico** – cujas ideias se articulam em torno da estrutura intencional da vivência; **existencial** – que nucleia ideias a respeito de formas de viver; e **prático** – que contempla vivências na vida humana.

Os seis artigos dedicados à discussão de ideias relativas à intencionalidade, à gênese da racionalidade, à constituição de sentido e à vivência no âmbito da consciência transcendental foram compreendidos por nós como convergindo para o **eixo teórico**. Sua importância incide na compreensão da própria fenomenologia, que nasce da decisão de retornar “às coisas mesmas”. Esse retorno evidencia-se como uma pedra angular do pensamento fenomenológico, que sempre se impôs não seguir pensamentos teóricos prévios, mas trabalhar com a própria manifestação do que é enlaçado pela consciência no movimento *noesis-noema*.

As muitas investigações de Edmund Husserl conduziram-no à análise das vivências, as quais permitem que o sujeito diga do movimento da consciência que se dá conta do que está realizando no próprio momento de atualização do ato. A noção de *Erlebnis* ocupa, assim, uma posição decisiva no interior do projeto fenomenológico: não designa um conteúdo meramente psicológico ou subjetivo, mas o modo de efetivação da consciência enquanto campo intencional, em que algo se dá como algo. Focar a vivência e buscar compreendê-la em sua complexidade conduz-nos a pensar a própria operacionalidade da consciência transcendental, passível de ser entendida como fluxo de atos nos quais o sentido se constitui e se estabiliza. É nesse horizonte que os textos reunidos neste eixo se inscrevem, explorando diferentes dimensões estruturais, genéticas e relacionais da experiência vivida.

A análise fenomenológica permite compreender a estrutura do pensar, explicitando que o pensar é uma articulação interna de atos intencionais que se dão no fluxo da consciência, no qual estão em movimento os atos e seus conteúdos. Nessa dinâmica, a vivência aparece como o campo originário em que se tornam possíveis tanto a apreensão de sensações e de camadas instintivas, habituais e passivas quanto a articulação de universais. Conhecer não significa representar um objeto do mundo exterior, mas acompanhar o modo como o sentido se manifesta na experiência vivida. A

racionalidade e a atividade reflexiva não emergem no vazio, mas se enraízam em camadas mais originárias da subjetividade, nas quais hábitos, impulsos e formas de passividade estão presentes de modo decisivo. Antes de toda tematização conceitual, há uma vida intencional pré-reflexiva, em que dimensões instintivas, corporais e afetivas participam da constituição do sentido.

Essa compreensão estrutural da vivência conduz a uma investigação que ocorre ao modo de uma escavação arqueológica, ao buscar a gênese da própria vida consciente, e evidencia que a subjetividade transcendental não é apenas atividade pura, mas também vida que flui. Nesse horizonte de compreensões, abrem-se possibilidades de caminhar em direção à busca de clareza quanto ao que se entende por subjetividade e quanto a como o outro se torna conhecido por nós, pois a experiência vivida mostra-se sempre já sendo junto à presença do outro. Essa compreensão primordial revela dimensões da intercorporeidade, da intersubjetividade e da exigência ética que emerge no encontro com a alteridade. Desse modo, a vivência revela-se como estrutura da consciência individual e como campo de constituição de um mundo comum, no qual sentido, conhecimento e relação com o outro se entrelaçam originariamente.

Os quatro artigos que trazem ideias que convergem para o *eixo existencial* falam do amor. Neles, a vivência se mostra como o mundo vivido se constitui nas experiências fundantes de amar, habitar, perceber e tornar-se, bem como naquelas da estética e da reconstrução da identidade. Nas exposições que apresentam, o modo de ser do ser humano, sendo e existindo no e com o mundo-da-vida, *Lebenswelt*, mostra-se situado, evidenciando a complexidade do *Leib*, que acolhe o que a ele se doa pelos sentidos e na percepção e que acolhe, também, o outro, tanto o entendido e visto como *Leib* quanto o compreendido como *Körper*. A análise fenomenológica explicitada nesses artigos incide sobre as vivências cruciais à vida humanamente vivida e revela estruturas nas formas de estar-com o outro, as quais se mostram prévias ao conhecimento categorizante. O mundo vivido, como tratado no âmbito da fenomenologia, evidencia-se, assim, como uma dimensão em que o corpo-próprio, a espacialidade, a temporalidade e a alteridade se entrelaçam, configurando modos concretos de presença e pertencimento.

As análises mostram que a vivência é fluida, e a dinamicidade de seu movimento revela o próprio movimento do devir. Isso quer dizer que o sujeito está sempre sendo, compreendendo-se e situando-se no mundo. A experiência estética, por exemplo, mostra-se como acontecimento que expõe o sujeito a uma abertura sensível na qual percepção, imaginação e afecção se entrelaçam, produzindo novas possibilidades de sentido.



Vivências de experiências limítrofes da existência — como aquelas associadas a rupturas corporais ou biográficas — permitem que compreendamos os modos pelos quais a identidade se constitui no movimento dinâmico de reinterpretação do vivido.

Um terceiro conjunto de estudos, que convergem para o *eixo prático* e que é composto também por quatro artigos, desloca o olhar para o campo das vivências que se dão em carne e osso, na realidade cotidianamente vivida. Destacam-se, nesses artigos, vivências que fluem no cuidar que se mostra na maternidade e no cuidado com a criança, iluminando-se horizontes em que se fazem presentes preocupações com a dimensão da formação da pessoa.

A análise fenomenológica dessas experiências mostra que o vivido se constitui sempre de modo encarnado e no próprio movimento da vida junto ao outro. Nas vivências ligadas ao cuidado e à maternidade, por exemplo, emergem dimensões afetivas que se articulam na dimensão encarnada do corpo vivente, semeando modos de ser responsável. Vivenciar o cuidado em situações de sofrimento psíquico expõe o encontro com o outro em situação de vulnerabilidade e lança o cuidador à compreensão de si como humano e da própria humanidade. A vivência aparece em dimensões afetivas e éticas. Revela-se, também, por múltiplos modos de linguagem e expressão. Na infância, por exemplo, produções simbólicas como o desenho revelam modos singulares de elaboração da experiência corporal e da identidade. Essa linguagem expressa modos pelos quais aspectos estruturantes da comunidade e da organização social se presentificam no movimento de formação da pessoa. Os estudos publicados nesses artigos revelam que a compreensão dos aspectos mencionados possibilita elaborar projetos pedagógicos que privilegiam a expressão da afetividade e do sofrimento, mas também o dar-se conta dessas vivências, indo além delas e abrindo caminhos para a compreensão de si, do outro e do mundo.

Nós, editores deste número especial da *Revista Pesquisa Qualitativa*, ao reunirmos investigações que vão da análise conceitual da vivência às suas expressões nas experiências vivenciadas na carnalidade do corpo vivente, o qual sempre já está direcionado e vinculado ao outro na dimensão da amplitude do mundo intersubjetivo, que se mostra como histórico, social e cultural, entendemos que, com esta publicação, se reafirma a vitalidade da fenomenologia como modo de pensar que permanece atento ao que se dá na experiência vivida. Sendo assim, retornar às vivências não significa apenas revisitar um conceito central da tradição fenomenológica, mas renovar o esforço de



compreender como o sentido do mundo se constitui para nós subjetivamente, na dimensão do corpo vivente, e para nós intersubjetivamente, na dimensão da vida comunitária.

Os editores convidados

Claudinei Aparecido de Freitas da Silva

Maria Aparecida Viggiani Bicudo

Nathalie Barbosa de la Cadena

São Paulo, 14 de março de 2026